

Inovação e tecnologia: periferias e políticas de desenvolvimento regional

Eduardo Beira (*)

Universidade do Minho
Coordenador do projecto callTM

1. Uma imagem algo diferente ⁽¹⁾ de Alto Trás os Montes: “um triangulo para o futuro” (Bragança. Macedo de Cavaleiros, Mirandela). Vídeo.
2. A inovação é essencialmente um processo social, de redes sociais que ligam mundos diferentes, e de recombinação de experiências anteriores e noutros domínios, mais do que um processo emergente do stock de conhecimentos científicos e tecnológicos. É na intersecção de mundos e trajectórias diferentes que se criam as oportunidades ⁽²⁾. Logo as políticas pró-inovação devem preocupar-se pelo menos tanto com a promoção da mobilidade e da interacção dentro e fora da região como com o crescimento da oferta local de ensino da tecnologia e as capacidades de investigação e desenvolvimento.
3. A oferta educativa de nível superior é muito importante: a interacção social precisa de actores capazes de reconhecer as oportunidades, de navegar entre mundos diferentes e de descobrir e fazer a ligação local. A formação superior, mas não só, ou principalmente, científica e técnica, contribui em muito para a capacidade local de “brokerage” entre mundos diferentes ⁽³⁾.



4. As regiões periféricas têm habitualmente duas fragilidades: um capital social frágil e pouca capacidade de influencia sobre o poder central. A segunda deriva e depende fortemente da primeira ⁽⁴⁾. As rivalidades locais muitas vezes dificultam a construção do capital social, mas a cooperação (intermunicipal, por exemplo) pode ser a chave para o reforço do capital social regional.

5. As políticas de reforço da oferta de capacidades locais e regionais é geralmente a mais fácil, mas é claramente insuficiente. Sem procura exigente não se desenvolvem competências e capacidades locais competitivas. Por si só a oferta dificilmente gera procura exógena sustentável enquanto que a procura interna numa região periférica é em geral insuficiente. Logo a chave das políticas públicas (centrais, regionais ou locais) está na dinamização da procura, muito mais do que da oferta. Mais do que apoios à oferta, são precisos apoios e políticas voluntaristas de canalização da procura para as periferias, que suprimam as lacunas do mercado associadas à condição periférica e que promovam o aparecimento e desenvolvimento de uma oferta local. Um balanceamento entre a promoção da procura e da oferta é obviamente necessário, embora deva ser liderado pelo lado da procura. As políticas pró-inovação mais eficazes serão as que ajudarem a encaminhar para as periferias procura exigente. Alto Trás os Montes tem já as capacidades mínimas necessárias para garantir uma oferta de recursos humanos qualificados necessária ⁽⁵⁾, como a experiência o tem vindo a demonstrar.

6. O efeito de acções de demonstração de procura (de serviços de tecnologias de informação e comunicação) pode ser catalizador ⁽⁶⁾. O poder central pode e deve desconcentrar serviços desse tipo para as periferias, estando ao seu alcance a definição de políticas e o lançamento de iniciativas que façam a ignição dessas

processos nas periferias. A reengenharia da administração pública em curso pode constituir uma oportunidade única. Mas terão as periferias um capital social e uma força de influência sobre o poder central e sobre os agentes económicos suficiente para isso?

7. Os actores locais não se podem demitir da sua promoção e influencia junto do poder central (e regional) e dos decisores políticos e empresariais, mas para isso precisam de meios financeiros (que dependem do poder central) e de instrumentos organizativos locais, que são peças importantes do seu capital social. A fragilidade destas agencias entre nós é manifesta (caso das ADRs, agencias regionais, ...), especialmente nas periferias ⁽⁷⁾.
8. A oferta de ensino superior pode ter um efeito dramático nas zonas periféricas e o caso de Alto Trás os Montes é bem exemplar disso. Para além de um atractor de talentos para a região (docentes, técnicos e alunos), garante uma oferta qualificada de competências. Mas esperar da sua actividade (incluindo alguma I&D) a solução dos problemas locais ou a geração directa de oportunidades económicas é ingenuidade e muito perigoso ⁽⁸⁾. O papel dessas instituições não é esse e pode haver um potencial conflito entre a necessidade que uma instituição regional tem de afirmação nacional (e internacional) e o seu excessivo envolvimento local. Mas nesse mecanismo interactivo de envolvimento com redes multipolares podem estar oportunidades de “brokerage” da inovação. No entanto o actual regime de ensino superior pouco valor atribui a essas “linkages”.
9. O lobbying pode (e deve) ser uma actividade para levar a sério: voltamos ao capital social e à sua instrumentalização como mecanismo informal de influência sistemática. As periferias precisam de uma acção permanente para recordar ao

centro que existem e que querem ter acesso às oportunidades (de investimento, por exemplo) numa base de igualdade, sem favores mas com transparência.

10. A inovação (regional) constrói-se e procura-se fora e dentro da região através de um complexo processo de navegação em redes sociais diferentes por uma variedade de agentes. O sucesso das políticas pró inovação (tecnológica) nas periferias depende acima de tudo disso e muito pouco da tecnologia em si.

Notas:

(1)

Beira, E., “*A imagem de Portugal: uma visão alternativa e crítica*”, Workshop ProInov “A imagem de Portugal”, Lisboa, 25 de Fevereiro de 2002 (disponível em www.dsi.uminho.pt/~ebeira).

Vídeo completo disponível em www.calltm.com.

(2)

Flichy, P., “*L’innovation technique. Récents développements en sciences sociales. Ver une nouvelle théorie de l’innovation*”, Editions La decouverte, Paris, 2003

Hargadon, A., “*How breakthroughs happen. The surprising truth about how companies innovate*”, Harvard Business School Press, 2003

Johansson, F., “*The Medici effect. Breakthrough insights at the intersection of ideas, concepts and cultures*”, Harvard Business School Press, 2004

(3)

Baumol, W., “*Education for innovation: entrepreneurial breakthroughs versus corporate incremental improvements*”, NBER Working paper 10578, June 2004

(4)

Coffe, H. e B. Geys, “*Institutional performance and social capital: an application to the local government level*”, J. of Urban Affairs, vol. 27, pag. 485, December 2005

Jackman, R., e R. Miller, “*Social capital and politics*”, Annual Review Political Science, vol. 1, p. 1-47, 1998



Wolfe, D., “*Social Capital and Cluster Development in Learning Regions*”, in Holbrook, J. & D. Wolfe (eds), “*Knowledge, Clusters and Learning Regions*”, McGill-Queen's University Press, 1998

Woolcock, M., “*Social capital and economic development: towards theoretical synthesis and policy framework*”, *Theory and Society*, 27 (2) April 1998, p. 151

(5)

Beira, E. e N. Gonçalves, “*Oferta de mão de obra qualificada em Alto Trás os Montes*”, disponível em www.calltm.com

(6)

Beira, E., “*e-Oportunidades: um desafio para as regiões periféricas*”, in M. Pereira e V. Tavares (eds.), “*e-Portugal*”, ACEP, 2002 (disponível em www.dsi.uminho.pt/~ebeira)

Wolfe, D., “*Globalization, information and communications technologies and local and regional systems of innovation*”, in Rubenson, K. e H. Schutze, “*Transition to the knowledge society*”, University of British Columbia Press, 2000

(7)

Beira, E., “*Marketing territorial em regiões periféricas*”, Working paper apresentado na ESTiG, Instituto Politécnico de Bragança, 21 de Abril 2005 (disponível em www.dsi.uminho.pt/~ebeira)

(8)

Florida, R., “*The role of the University: leveraging talent, not technology*”, *Issues on science and technology*, Summer 1999

Florida, R., “*The economic geography of talent*”, *Annals of the Association of American Geographers*, Volume 92, Pag743, December 2002

Langford, C., “*Measuring the impact of University research on innovation*”, in Holbrook, J. Adam e D..Wolfe (eds), “*Knowledge Clusters and Regional Innovation: Economic Development in Canada*”, McGill-Queen's University Press, 2002

Wolfe, D., “*The role of Universities in regional development and cluster formation*”, in Eds. G. Jones, P. McCarney e M. Skolnick, “*Creating Knowledge, Strengthening Nations*”, University of Toronto Press, 2005



(*) Eduardo Beira

Professor convidado na Escola de Engenharia da Universidade do Minho (Departamento de Sistemas de Informação) (www.dsi.uminho.pt) .

Coordenador do projecto callTM (prototipagem de call centres em regiões periféricas, 2003 – 2006), promovido pela Câmara Municipal de Bragança em colaboração com as Câmaras Municipais de Macedo de Cavaleiros e de Mirandela (www.calltm.com)

Director executivo da ISTMA International Special Tooling and Machining Association, confederação mundial de empresas de moldes e ferramentas especiais (www.istma.org).

Engenheiro químico (1974, U. Porto). Depois de uma primeira carreira académica, foi gestor de diversas empresas industriais e de serviços durante cerca de 25 anos.

Regressou á actividade académica em 2000 (www.dsi.uminho.pt/~ebeira).

